

e nem *dossiers* judiciais, nem tiragem de impressões digitais devem poder servir para o desmascarar. Êste papel pertence exclusivamente ao detective amador, que o resolverá não recorrendo senão à luz do frio raciocínio indutivo e à severa, inflexível lógica dos factos. Na verdade, esta luz e esta lógica são tudo o que eu consinto em lhe conceder. Ao diabo o detective científico, o homem do microscópio! Em que pode interessar-nos a descoberta do professor famoso que, depois de ter examinado as partículas de pó recolhidas nos vestígios do assassino, conclui que êle habita uma mansarda ou um moinho? Que perturbação experimentamos nós quando sabemos que a mancha de sangue analisada no lenço do desaparecido prova que êle tinha sido recentemente mordido por um camêlo? Pela minha parte, nenhuma. É tão fácil para o autor e tão difícil para o leitor!...

Portanto, a minha conclusão é que o detective não deve ter conhecimentos superiores aos do leitor mediano. É preciso dar ao leitor o sentimento de que, se êle próprio tivesse pôsto em actividade a luz do frio raciocínio indutivo e a implacável lógica dos factos (êste dom, graças a Deus, todos o possuímos!) também poderia ter chegado a descobrir o culpado.

Bem entendido, ao autor é impossível apresentar os indícios de tal maneira que tenham, para o leitor metido na sua biblioteca, o mesmo valor que para o

detective pôsto em presença do cadáver. Uma cicatriz no nariz dum dos personagens poderia não ter qualquer significação para o detective; mas a menção explícita que dela faz o autor, confere-lhe imediatamente uma importância desproporcionada em relação à que lhe teriam dado as testemunhas. É preciso, pois, não ficar surpreendido ou chocado se o autor, consciente dêste perigo, igualisa as probabilidades afluindo numa descrição rápida o nariz dos personagens vizinhos, talvez ainda mais ricos em sinais particulares. Não nos queixaremos, com a condição de que tanto o autor como o detective, tenham deixado o microscópio em casa.

E agora, que dizer dum Watson?

Teremos um Watson? Decerto que sim! Maldito o autor que reserva a solução até ao último capítulo, reduzindo todos os capítulos precedentes a não serem mais que o prólogo dum drama de cinco minutos. Não é assim que se escreve uma história. É, pelo contrário, de capítulo para capítulo que é preciso dar parte do que o detective pensa. Este pode, com tal fim, *watsonisar* ou monologar. Ora o primeiro processo, que não é senão uma forma dialogada do segundo, torna a leitura mais fácil. Um Watson, sim, mas não necessariamente um Watson de espírito obtuso; um pouco lento, quando muito, como o somos muitos de nós, mas simpático, humano, amável...

A. A. M I L N E

